

# QUEM É O ESPÍRITO LIVRE EM *HUMANO, DEMASIADO HUMANO*?

Amir Samir B. Huda<sup>1</sup>

Orientador: Wilson Antonio Frezzatti Junior<sup>2</sup>

**RESUMO:** O presente trabalho se propôs a verificar as características que perpassam a personagem espírito livre em *Humano, Demasiado Humano* (1878): por certo não se trata do chamado livre-arbítrio; o homem que atingiu a liberdade se desvinculou da moral tradicional, assim tornando-se um imoral, ou seja, despreza o que é tido como dever pelos valores vigentes, não por acaso o difamam ou caracterizam-no de criminoso; ele é a exceção, enquanto seu irmão mais rude, a regra. A observação psicológica se mostrou enquanto condição para a investigação apropriada, procedimento vinculado às próprias intenções do pensamento de Nietzsche. É uma análise puramente psicológica e, portanto, não transcendente, o que se relaciona com a nova psicologia antidogmática proposta por Nietzsche. O filósofo alemão preocupa-se, no início do capítulo segundo, com a carência de observação psicológica por parte das pessoas, e isso permitiu o presente trabalho concluir que esse procedimento é realizado apenas por espíritos livres, ou seja, as exceções. Com efeito, o sujeito preso no cativeiro moral não investiga suas motivações na mesa de dissecação psicológica, pois vincula-se aos métodos tradicionais.

**Palavras-chave:** Espírito livre. Psicologia. Cultura.

## 1 INTRODUÇÃO

O filósofo Friedrich Nietzsche (1844-1900) foi contemporâneo do desenvolvimento da psicologia enquanto disciplina científica independente, sendo que se envolveu diretamente com esse problema. Nietzsche, em *Para além de bem e mal* (1886), afirma que, na psicologia, ninguém, como ele, ousou descer até as profundezas do espírito humano (cf. NIETZSCHE, 1992, p. 29). Nessa obra, ele considera que a constituição humana está fundamentada em uma dinâmica de impulsos que não é corporal nem espiritual, mas um antagonismo de forças, a

<sup>1</sup> Graduando em Filosofia. Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE). E-mail: amirsamirhuda@gmail.com

<sup>2</sup> Doutor em Filosofia pela USP. E-mail: wfrezzatti@uol.com.br

vontade de potência<sup>67</sup>. Compreender a psicologia de Nietzsche significa “compreendê-la como morfologia e teoria da evolução da vontade de poder” (NIETZSCHE, 1992, p. 29). No entanto, anteriormente a esse contexto teórico, o filósofo alemão já havia feito outra proposta de uma nova psicologia, também antimetafísica, porém em outro tecido conceitual, embora haja a continuidade de certas noções. É no livro *Humano, Demasiado Humano* (1878) que o filósofo alemão se coloca a tarefa de criar essa nova psicologia.

Nietzsche aponta para o problema da Alemanha e Europa do século XIX, intimamente relacionado à carência de observação psicológica: “Por que se deixa de lado o mais rico e inofensivo tema de conversa? Por que não se leem mais os grandes mestres da sentença psicológica?” (NIETZSCHE, 2005, p. 41). Inegavelmente, há uma preocupação explicitada pelo pensador, quando demonstra indignação, pela falta de contato com materiais dotados de assuntos realmente psicológicos. Nietzsche, ao escrever, quase que adverte o leitor para um aspecto fundamental: não se trata, aqui, de responsabilizar os âmbitos do romance, novela e estudos filosóficos pela carência de observações psicológicas, pois, conforme salienta o filósofo, essas produções “são obras de homens de exceção” (NIETZSCHE, 2005, p. 41). Em última instância, ocorre que a referência se faz à própria cultura europeia do século XIX, ou seja, à ausência de interesse e prazer entre os indivíduos, de todas as classes, com as noções ou máximas realmente psicológicas, como são aquelas construídas pelo moralista francês La Rochefoucauld<sup>68</sup> no século XVII.

Os indivíduos do século XIX, mesmo os cultos, raramente se aproximavam dos escritos de La Rochefoucauld, tampouco de outros nomes cujo trabalho filosófico tratasse da educação para o espírito. Nietzsche, assumindo uma postura de psicólogo, realiza uma inferência bastante significativa ao apontar que o

---

<sup>67</sup> No presente trabalho, não será abordado o problema relacionado à constituição do organismo humano. Sobre essa temática em específico, cf. MARTON, Scarlett. *Das forças cósmicas aos valores humanos*. São Paulo: Brasiliense, 1990. O foco da pesquisa é o espírito livre em *Humano, Demasiado Humano* (1878).

<sup>68</sup> La Rochefoucauld foi autor da obra “Reflexões ou Sentenças e Máximas Morais”. Eleger-se o moralista francês não por acaso, mas devido à própria menção honrosa que Nietzsche dispensa a ele: “La Rochefoucauld e outros mestres franceses do estudo da alma [...]” (cf. NIETZSCHE, 2005, p. 42).

exercício da observação psicológica proporciona, àquele que se exercita no desvelamento da hipocrisia moral, presença de espírito em situações de dificuldade e também divertimento diante dos acontecimentos aborrecedores. Um exemplo do pensamento e do estilo do moralista francês pode ser encontrado em seu aforismo sobre o que seria a virtude: “O que o mundo chama de virtude em geral é apenas um fantasma formado por nossas paixões, a que se dá um nome correto para fazer impunemente o que se quer” (LA ROCHEFOUCAULD, 2014, p. 84).

Nesse sentido, a nova psicologia, em e a partir de Nietzsche, parece ter condições de oferecer ferramentas em certo sentido espirituais para aqueles que ele pretende livrar: “Já os vejo que aparecem, gradual e lentamente; e talvez eu contribua para apressar sua vinda, se descrever de antemão sob que fados os vejo nascer [...]” (NIETZSCHE, 2005, p. 9). Espiritual aqui jamais tem um caráter metafísico ou imaterial, mas sim um sentido reflexivo que é, ao mesmo tempo, veiculado por uma linguagem de elevado estilo, que subsidiará a relação do indivíduo com o mundo. Em suma, a presente pesquisa tem como intuito demonstrar que o filósofo alemão, às entrelinhas de seu escrito, procura apresentar a personagem livre e o modo pelo qual ela se comporta em sua relação com o mundo, e, ao fazer isso, também denuncia os equívocos produzidos pelo intelecto humano, demasiado humano.

## **2 O ESPÍRITO LIVRE**

Antes de iniciar propriamente a exposição que objetiva esclarecer os aspectos associados ao espírito livre, há uma pergunta fundamental: observa-se a presença da personagem espírito livre na obra *Humano, Demasiado Humano*, mas de que é desvinculada para tornar-se livre? Ou seja, se o homem atinge a liberdade é porque conseguiu se desvencilhar de alguma coisa que, ao contrário, prende o sujeito ordinário, mundano e tradicional. Frezzatti (2022, p. 95-96) esclarece esse ponto, inferindo: a) livre em relação à época vigente, de forma a contrariar e questionar os valores estabelecidos; b) liberto de concepções sólidas e inquestionáveis adotando uma postura desconfiada e cética diante do mundo. Um espírito de tipo desvinculado, em Nietzsche (2005, p. 178), toma apenas a borda

das experiências sem emaranhar-se nelas, não ama em toda amplitude e abundância porque quer preservar e acumular energia para o que realmente importa: criar uma nova cultura.

Nesse sentido, não podemos confundir a liberdade postulada por outras concepções filosóficas com aquela da acepção nietzschiana, ou seja, o sujeito livre não é aquele dotado de livre-arbítrio; ele está desassociado da moral vigente, por isso está liberto. Esse ponto precisa ser esclarecido, e Nietzsche (2005, p. 45-46) o faz ao atribuir à noção de liberdade o caráter de ser uma mentira: o indivíduo não é nem responsável por seu ser, nem por seus motivos, nem por suas ações ou por seus efeitos, ou seja, por nada; porque, em contrapartida, é um resultado necessário e se constitui mediante elementos e influxos de seu passado e do seu presente. Em *Além do Bem e do Mal*, no aforismo 23, o filósofo alemão propõe que os afetos de ódio, inveja, cupidez e ânsia de domínio condicionam a vida. Aqui é o ponto chave para compreender que, se o homem não é responsável por nada e se constitui dos elementos de seu passado e do seu presente, há então algo que opera nele e no seu processo de devir: não é nem biologia nem o espírito eterno. Frezzatti (2004, p. 117-118) explica então o que está em jogo ao trabalhar com o conceito de fisiologia, fundamental para a superação de opostos; não pode ser sinônimo de biologia, porque trata-se de uma significação peculiar que Nietzsche designa ao termo: ele pode ser entendido por um conjunto ou configuração de impulsos ou forças, que se bem hierarquizados, ou seja, a formação de uma unidade pela potência de dominação de um (alguns) impulso (s), o corpo é saudável; e se desorganizada ou anárquica a relação de impulsos, o corpo torna-se mórbido. O homem está no mundo e o que faz tem relação com o todo em que esse ser está inserido, ou seja, o conjunto de impulsos não cria dualidade ao ponto de apartá-lo do mundo.

La Rochefoucauld (2014, p. 46), autor de *Reflexões ou sentenças e máximas morais* (1665), aproxima-se do filósofo alemão nesta discussão do que constitui o homem, dando ao afeto valor axial à vida, e como que também reconhece a disputa por domínio que ocorre e participa da constituição do ser: engana-se aquele que pensa apenas ser as paixões violentas como ambição e amor os afetos destinados a vencer os outros; por exemplo, a preguiça, por lânguida que seja, pode se tornar

a dominante e muitas vezes de fato acontece. A intenção, aqui, obviamente não é pensar a fisiologia de Nietzsche como sendo exatamente identificada pela filosofia do moralista francês: a bem da verdade, trata-se de demonstrar o valor projetado, tanto em um quanto em outro filósofo, às configurações provindas da instância corporal. O pensador francês (2014, p. 12) diz que no coração do homem há como que um conjunto e produção perpétua de paixões, isto é, quando uma chega ao fim em seguida já é substituída pelo nascimento de outra. Essas relações iniciais que se estabelecem culminam na seguinte conclusão: a) os elementos e influxos do passado e do presente produzem consequências necessárias na vida do homem; b) o corpo tem valor na configuração do homem; c) esse corpo se compõe de paixões em uma filosofia - a de LaRochefoucauld - e de impulsos em busca de dominação noutra concepção - a de Nietzsche. Acredita-se ter realizado uma explicação de modo a enfatizar o sujeito que não é livre em suas ações, mas constituído de configurações que podem ser ou paixões ou impulsos, a depender de qual filosofia. O foco do trabalho não está em discutir a dinâmica de impulsos, mas sim em apresentar o que Nietzsche teria a dizer sobre o espírito livre em *Humano, Demasiado Humano*. Compreendeu-se importante, apesar disso, esclarecer que liberdade na concepção nietzschiana não é aquela ideia vinculada ao livre-arbítrio.

## 2.1 A liberdade nos termos nietzschianos

Sobre o espírito livre, não é que por ser diferente dos espíritos cativos, possui a verdade ou têm opiniões corretas, nem é próprio de sua essência, para Nietzsche (2005, p. 144), que ele a possua, mas sim ter se libertado da tradição, com felicidade ou fracasso. Importante notar que o homem desvinculado dos valores comuns não possui qualidades ordinárias, que se percebe, por outro lado, nos sujeitos pertencentes à moral tradicional. De acordo com Frezzatti (2006, p. 165), é nesse sentido que o espírito livre se torna imoral: ele é estranho às ideias vigentes de justiça, prioriza seu interesse pessoal, não tem preocupação em discernir entre o bem e o mal, ou seja, Nietzsche o coloca sempre contra aquilo que, do ponto de vista moral, perpassa uma época.

O espírito antidogmático também personifica o homem liberto. Como fora mencionado anteriormente, o ceticismo ou a desconfiança frente ao inquestionável (pela tradição), faz parte do modo pelo qual o espírito livre enfrenta seu meio. Nietzsche (2005, p. 30-31) propõe o seguinte a respeito das convicções metafísicas: elas induzem a acreditar que nelas está o princípio definitivo sobre o qual o futuro da humanidade estará assentado; assim o indivíduo cria uma igreja, achando que será recompensado na eterna vida futura da alma, ou seja, ele programa sua salvação com a prática de uma obra terrena. Cabe sinalizar: é substancial pensar que esta jamais poderia ser uma ação que compõe o rol de comportamentos do espírito livre, porque este não pode decidir assentado em convicções metafísicas; elas negam o ceticismo. Em contrapartida, Nietzsche explicou acerca da ciência: “[...] ela requer a dúvida e a desconfiança, como os seus mais fiéis aliados [...]” (cf. Nietzsche, 2005, p. 31). Assim sendo, acerta-se ao identificar, pelo menos no contexto desta discussão, o homem liberto com a ciência antidogmática e não com a metafísica, afinal.

A suspeita de Nietzsche busca lançar luz no exato lugar em que as coisas são produzidas pelo homem, iluminando-o a fim de mostrar a imperfeição do demasiado humano: o pensar, ou seja, o intelecto. Nietzsche (2005, p. 269) nota que falta o espírito científico - a postura antidogmática - nas conversas entre as pessoas, pois: elas carecem do instinto de desconfiança que coloca sob tutela da dúvida os descaminhos do pensar; para elas basta encontrar a primeira hipótese que classificam o problema como resolvido. Aprisionam as discussões em convicções. Nesse sentido, afirma “para essas pessoas, ter uma opinião significa ser fanático por ela e abrigá-la no peito como convicção” (NIETZSCHE, 2005, p. 269). Certamente que o ser livre não pode se valer das convicções, pelo contrário, deve conservar a multiplicidade, como salienta Nietzsche (2005, p. 10): o caminho será longo até que efetivamente ocorra a madura liberdade acompanhada por autodomínio e disciplina; esses dois elementos encontram sua função ao permitirem o acesso a modos de pensar numerosos e contrários. Existem certas convicções ou verdades que suscitam quase que a necessidade de as acreditar, já que se mostram bem disfarçadas. La Rochefoucauld (2014, p. 49) apresenta que há certas falsidades tão bem disfarçadas que o homem sente dever em acreditar, e,

caso não o fizesse, estaria supostamente desprovido da capacidade de bem julgar, ou seja, ele deixa-se enganar pelo que é falso. O que está implícito nessa sentença é o fato de que uma época, produtora de supostas verdades morais, cria raízes profundas no homem ao ponto de cegá-lo e desprovê-lo de desconfiança, se é que um dia ele pôde duvidar. Conforme discutido, o espírito livre que chegou à liberdade não tem preocupação com o ideal vigente, portanto não lhe custa desprezar o que é sentido como dever pela moral tradicional, não se deixando enganar pelas falsidades disfarçadas.

Nietzsche (2005, p. 143-144), ao tratar do espírito livre, diferencia-o do homem cativo: chama-se de livre aquele homem que age de maneira diversa do que seria esperado pelo meio e circunstâncias que se encontra inserido, ou seja, ele é diferente de sua época e, portanto, excede-a - em razão disso denomina-se livre; já o seu irmão mais rude, o cativo, é a regra, esse sujeito está dentro dos limites de procedência de sua época. A libertação se torna bem representada mediante a observação dos labirintos que vagueia o espírito que conseguiu desvencilhar-se, qual seja, exatamente nos lugares que são objeto de desprezo: "Há capricho e prazer no capricho, se ele dirige seu favor ao que até agora teve má reputação - se ele ronda, curioso e tentador, tudo o que é mais proibido" (NIETZSCHE, 2005, p. 10). Enquanto o diferente despreza os valores tradicionais - o que exatamente lhe torna digno de ser designado como livre - o igual aos outros, preso no cativeiro da moral, ao contrário, age exatamente do modo pelo qual seria esperado conforme sua função, seu meio e sua posição.

O ser de espírito cativo parece não deliberar ou escolher e assume, em contrapartida, posições por hábito. Trata-se, para Nietzsche (2005, p. 144-145), de um hábito enraizado desde a nascença: o indivíduo adere ao cristianismo não por conhecer as diversas religiões e a partir disso escolhê-lo; assim também ocorre com aquele que nasce na Inglaterra: ele é inglês, não porque tenha escolhido, mas simplesmente deparou-se com o cristianismo e o modo de ser inglês e os adotou sem razões, semelhante à pessoa criada numa região vinícola, torna-se adoradora ou degustadora de vinho. O filósofo alemão, nas entrelinhas dessa passagem, pretende denunciar as ações pelas quais o espírito cativo opera diante do mundo e com seu próprio poder de deliberação: carência de postura que vise obter

motivações e o hábito sem questionamento dos acontecimentos que perpassam a própria vida. “Habituar-se a princípios intelectuais sem razões é algo que chamamos de fé” (NIETZSCHE, 2005, p. 145). Assim, acerta-se em afirmar que o homem livre, uma vez que se desvincula de posturas devotas, isto é, livre da fé, deve procurar as razões para a existência dos princípios intelectuais muitas vezes inoculados desde sua infância.

## 2.2 A observação psicológica

Sobre esse aspecto de procurar razões e não se alienar ao próprio destino, acredita-se que Nietzsche chama atenção para as vantagens da observação psicológica. Comentou-se que a Europa do século XIX careceu de ações e interesses voltados a um assunto tão inofensivo. Nietzsche (2005, p. 43) compara essa vantagem às pinças e bisturis: pois estas servem para dissecar, ou seja, avaliar o homem na mesa de dissecação. Ir às profundezas do espírito humano demanda justamente a observação mais apurada do demasiado humano. O filósofo alemão praticamente ensina essa arte de dissecar, por exemplo, ao elucidar acerca da necessidade de crença que o homem tem. Nietzsche (2005, p. 93-94) dá função à observação psicológica: seria a análise isenta de mitologias, ou seja, o fenômeno da alma cristã dissecado pelo bisturi puramente psicológico. Naturalmente não metafísico ou não transcendente<sup>69</sup>. A abertura com a pinça, isto é, a observação psicológica é feita pelo Nietzsche (2005, p. 93-94): o homem, se apenas se comparasse a outros, não se sentiria tão amargurado e aceitaria a condição geral de insatisfação e imperfeição humanas; o problema ocorre quando ele se projeta em comparação com o ser capaz das chamadas ações desinteressadas ou capaz de todos os comportamentos altruístas, isto é, Deus; exatamente nisso reside o motivo de o homem se achar tão imperfeito e turvo, e, como se não bastasse, tem em sua consciência a justiça punidora de Deus, capaz de julgar as menores ou maiores

---

<sup>69</sup> O sentido para a expressão “transcendente” deve ser compreendido apenas como aquilo que está elevado, ou seja, além do mundo físico. A expressão “não metafísico ou não transcendente” está para explicar a ideia de que as razões não devem ser buscadas em um outro mundo - aquele suprassensível. Nietzsche, ele mesmo um espírito livre, desvincula seu procedimento das teologias utilizadas tradicionalmente, que induziram homens à redenção cristã.

ações dele; finalmente, diante dessa condição, deverá, então, haver alguém que possa lhe auxiliar a suportar esse tipo de fardo, quem o ajude a superar as atrocidades provocadas por sua imaginação. O filósofo alemão seguirá avaliando, sempre de um ponto de vista puramente psicológico, o nascimento do sentimento de dever e, por via de consequência, a devoção.

A psicologia nietzschiana, antidogmática ou desprendida da tradição metafísica, não se deixa perturbar pelas explicações teológicas cristãs, como alerta o próprio filósofo: “Sem nos deixar perturbar por tais antecessores [...]” (NIETZSCHE, 2005, p. 94). O fenômeno interpretado pelo filósofo alemão, isto é, o da necessidade de redenção, mostra-se substancial para compreender parte da dimensão do procedimento - a observação psicológica - enquanto uma prática inaugurada pelo filósofo alemão que visa desconstruir convicções e apontar para o que muitas vezes tem caráter indiscutível e habitual. Claro que esse formato de ação pode ser incompreensível aos olhos do homem cativo: o espírito livre, conforme Nietzsche (2005, p. 147), se comparado ao rude companheiro que não precisa de razões para seus atos, será sempre débil, acima de tudo em suas ações; ele conhece demasiados motivos, pontos de vista, e, por via de consequência, tem a mão insegura e não exercitada. Em suma, a observação psicológica pode ser tida como débil na visão das massas, uma vez que procura razões e não fé. Mesmo aquele que acha razões, deve procurar obtê-las de maneira legítima, não basta simplesmente encontrá-las ao acaso ou por obra da sorte. É o que insinua La Rochefoucauld (2014, p. 25), quando alerta: o homem que encontra a razão por acaso não é de fato racional, pois ele nem a conhece, nem a discerne, nem a saboreia. Isto pressupõe que a efetiva razão implica ou demanda entrega por parte do ser, e isto novamente remete à comparação que Nietzsche fez com pinças e bisturis: a dissecação ou avaliação se relaciona com o exercício que não atinge seu sucesso pelo simples acaso; trata-se de árduo trabalho, já que não se chega às profundezas do espírito sem discernimento e sabedoria.

Acredita-se ter contemplado essa parte do trabalho, que circundou exatamente em torno do espírito livre encontrado nas entrelinhas e no próprio discurso do filósofo alemão. A menção que Nietzsche faz à observação psicológica no início do capítulo segundo em *Humano, Demasiado Humano* denuncia um

problema que é da tradição, ou seja, da personalidade pública da cultura europeia. O espírito livre, ou seja, a exceção, tem em seu arsenal a observação psicológica enquanto guia para exatamente questionar a moral tradicional e a sua época; ele também lê os grandes mestres, porque estes denunciam, questionam e trazem à tona aspectos de juízos ou pensamentos humanos, demasiado humanos. Nietzsche ainda chamaria a atenção sobre a desconfortável experiência da liberação, isto é, da libertação das venerações que o homem anteriormente praticava: “[...] vem súbita como um tremor de terra: a jovem alma é sacudida, arrebatada, arrancada de um golpe - ela própria não entende o que se passa” (NIETZSCHE, 2005, p. 9). Assim, se a liberdade é alcançada, nem por isso haverá depois de tão nobre feito a busca por uma meta final, pois o homem liberto não é mais do que um andarilho: “Quem alcançou em alguma medida a liberdade da razão, não pode se sentir mais que um andarilho sobre a Terra - e não um viajante que se dirige a uma meta final: pois esta não existe” (NIETZSCHE, 2005, p. 271).

## CONCLUSÃO

A observação psicológica acabou por se mostrar algo escasso, mediante a interpretação do próprio discurso do filósofo alemão, porque se trata de uma obra não praticada pela tradição - a mencionada personalidade pública. Ao mesmo tempo que pode ser uma acusação aos atributos medíocres da cultura europeia e alemã de seu século, observa-se também a oportunidade fornecida pelo filósofo alemão, que escreve *Humano Demasiado Humano* destinado aos homens livres: a partir dessa obra, abre-se para a investigação dos fenômenos intelectuais, mas agora não será mais mediante a chamada redenção religiosa, nem recorrendo aos postulados metafísicos sob os quais o futuro da humanidade estaria destinado; para descer até às profundezas do espírito humano, poder-se-á utilizar pinças e bisturis, a fim de analisar de um ponto de vista puramente psicológico. Tais ferramentas apresentam-se como marcas de um procedimento desvinculado - livre - de teologias ou metafísicas, inaugurando, assim, a nova psicologia antidogmática do século XIX.

## REFERÊNCIAS

FREZZATTI JR., Wilson Antonio. *A fisiologia de Nietzsche: A superação da dualidade cultura/biologia*. Ijuí: Editora Unijuí, 2006.

FREZZATTI JR., Wilson Antonio. A superação da dualidade cultura/biologia na filosofia de Nietzsche. *Tempo da Ciência*, p. 115-135, 2004.

FREZZATTI JR., Wilson Antonio. Algumas reflexões sobre o filisteu da formação (Bildungsphilister) e o espírito livre em nossos estabelecimentos de ensino. *Cadernos Nietzsche*, v. 43, n. 3, p. 91-104, setembro/dezembro, 2022.

LA ROCHEFOUCAULD, François. *Reflexões ou sentenças e máximas morais*. Tradução de R. F. d'Aguiar. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2014.

NIETZSCHE, Friedrich. *Além do bem e do mal*. Tradução de P. C. de Souza. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 1992.

NIETZSCHE, Friedrich. *Humano, Demasiado Humano*. Tradução de P. C. de Souza. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2005.